

Minhas recordações mais remotas de H.C.B. recuam até o primeiro governo de Juracy, na Bahia, após a Revolução de 1930. Entre 1933 e 1937, H.C.B., então no posto de capitão ou major, passou pelo porto da Bahia num navio e Juracy o homenageou, porque, se me não engano, fôra seu aluno da Escola Militar. Mencionou-o como oficial de inteligência e cultura.

Não me lembro de o ter visto novamente ou fixar atenção nêle salvo uma outra referência de jornal a propósito de sua atuação na 2ª Grande Guerra.

Na Companhia do Brigadeiro (1965) e na Constituinte de 1946, a pesar de eu pertencer ao grupo juracisista dentro da UDN, o velho Otávio Mangabeira, pouco a pouco, simpatizou comigo e passou a conversar mais ou menos francamente sobre o que, intimamente, pensava da situação brasileira, inclusive das influências militares no balanço de forças partidárias. Assim continuou, intermitentemente, quando governou a Bahia e depois, já no 2º Governo de Vargas, que o inquietava, até que êste se suicidou em 1954 e, pouco depois de um ano, ocorreram os 2 golpes d'Estado do gen. H. Lott. Após isso, houve conversão de vários políticos civis com militares, por vezes e em vários lugares. Lembrô-me bem de uma dessas conferências na modesta casa do major Maurício Cibulares la perto da Pr. da Bandeira.

Mangabeira procurou contactos com outros militares, sobretudo os que tinham comando ou prestígio entre seus pares, além daque -

les notõriamente simpáticos à UDN. Estes, é óbvio, estavam afas -
 tados de comandos. Nessa ocasião, referiu-se a dois com especial
 aprêço: os generais Ademar de Queiroz e H.C.B. já estava êle bem
 doente quando me recomendou que, em qualquer emergência para a
 vida democrática, visitasse e ouvisse Ademar Queiroz. Guardei bem
 êsse conselho, mas não fiz qualquer esforço para uma aproximação
 naqueles 2 ~~anos~~ anos. Mas, em 1961, no meio do ano, sempre des -
 confiado do Jânio Quadros antes mesmo de êle ser presidente, tive
 receios sôbre a sorte do regime em virtude de fatos e comentários
 dessa época. Lembrei-me da recomendação de Mangabeira e pensei em
 procurar A. Queiroz com a possível discrição. Um dentista bahiano,
 que servira no Exército, Dessaix Dias, amigo do França, tratava os
 dentes de Queiroz e de H.C.B. Procurei-o e pedi que transmitis -
 se ao 1º dos dois o que me aconselhara Otávio e também que gostas -
 sia de ouvir-lhe as impressões a sós, se êle concordasse e onde
 preferisse, tanto na casa dele quanto na minha, ou ainda noutro
 lugar. Êle preferiu lá em casa, em Sta. Clara, quando eu quisesse.
 Marquei um almoço e êle apareceu com o Dessaix à hora designada.

Sentamo-nos os 3 e Darly. Referi meus temores, tanto mais quan -
 to Jango também me parecia enfirosado com Jânio e ambos tomavam a
 titudes suspeitas na política interna e externa.

Narrei tudo que sabia de Jânio por informação de deputados PAI -
 listas e pessoas outras, dentre as quais Teotônio Monteiro de Bar -
 ros num depoimento crú, na presença de Bilac, em casa de Nelson
 Sampaio, aí por fins de 1959. Perguntei-lhe se achava propável que
 as Fôrças Armadas transigissem com qualquer atentado ao regime, ou

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL

ao Congresso, ou aos Estados-membros. Respondeu-me negativamente. Insisti ainda em inquirir qual o general com alto comando que poderia inspirar confiança para liderar a defesa das instituições, caso o Presidente da República saísse da ordem legal, e também que não se aproveitasse disso para estabelecer seu poder pessoal. Ele disse logo o nome de H.C.B., que, - informou, tinha comando no Norte. Fez-me breve resumo biográfico e dos traços de caráter de H.C.B. Em segundo lugar, mencionou o Gen. Muxicy, que também comandava no Norte.

Conversamos mais sobre a situação e despedimo-nos empregados para outra troca de idéias se as circunstâncias a exigissem.

Pouco depois houve a renúncia de Jânio após a inconfidência de Carlos Lacerda, precedida da condecoração de Guevara, viagem de Jango à China, regime parlamentarista, plebiscito, etc. Quando cheguei a Brasília, no começo da legislatura 1963-67, fiquei impressionado com as palavras e atos de Brisola e Jango. Lá para setembro de 1963, houve a revolta dos sargentos em Brasília, parecendo-me que Jango não a ignorava nem a ela era estranho. Seguiu-se a trama para aprisionar C. Lacerda e lançar o país no estado de sítio. Tudo nos últimos meses de 1963, embora desde março houvesse ameaça de intervenção na Gb., segundo nota do João Mangabeira, quando surgiram incidentes na UNE, tentativa de reunir o anunciado Congresso pró-Cuba, etc. São vários os fatos inquietadores, além de graves, desde o início de 1963, uns após outros, até a tentativa abortada do estado de sítio (1ª semana de outubro; em setembro o Gen. Pery Bevilaqua atacou o C.G.T. e no Congresso os

deputados fungavam, dizendo que sentiam "cheiro de chifre quei
mado". Em 23.9.1963, mais ou menos, reunião em casa de Percy,
Levy, irmão de Herbert, conferindo-se informações dos milita -
res amigos, transmitindo Adauto opiniões de Ademar Queiroz (Cor
deiro Faria presente). Pensei comigo nessa ocasião, que já era
tempo de voltar a conversar com Ademar Queiroz e, por intermê
dio d'ele, com H.C.B.

Procurei o 1º e contei o que eu sabia pessoalmente do
sítio e do projeto de sequestro de Carlos por ordem do Gen. Al-
fredo Pinheiro Soares Silva (o que eu havia ouvido desde
4.10.63: declarações de Ary Lobão ouvidas no Min. da Aeronáuti
ca sobre prisão de Carlos, suposições de renúncia de Ministros
Militares; confirmação de alguns fatos pelo Brig. Clóvis Tra -
vasso, o relato do Cel. Borges a Carlos em minha presença no
Palácio Guanabara na 6ª. feira, 5 de outubro, data da mensagem
de sítio, etc., etc.) Liguei tudo isso aos antecedentes, inclu
sive as agitações de pelegos, revolta de sargentos, etc. Pedi,
então, que ele transmitisse tudo a H.C.B., recordando o que
Otávio Mangabeira me aconselhara pouco tempo antes de morrer.
Convém assimilar que, em 1967, HCB. me contou que Otávio fora
o primeiro político a ir à casa d'ele. Isso prova a articulação
entre ambos em qualquer data anterior a 1960, pois Mangabeira
morreu em Dezembro de 1960 e já estava bem doente, hospitaliza
do, há vários meses.

Outro ponto certo e significativo: - O projeto de sí -
tío fôra aprovado na Comissão de Justiça por 16 contra 13 vo -
tos, figurando entre os votos favoráveis o de Amarel Peixoto,
presidente do PSD, quando Jango enviou mensagem para retirá -

lo, com surpresa de muitos. Ora, o "Estado de S. Paulo", de 10.10.1963, atribuiu o recuo de Jango à circunstância de o Gen. H. Castelo Branco, chefe do Estado Maior, diante da gravidade da situação, ter expedido ofício em nome desse órgão ao Min. da Guerra manifestando-se contrário à medida e estranhando que o Estado Maior e o Alto Comando não tivessem sido convidados a examinar a oportunidade de tal providência, sendo legalmente competentes para esse pronunciamento. Esse documento - acrescentou o "Estado S.P." - refletia o sentimento quase unânime dos Generais com comando nos I, II, III e IV Exércitos.

Por essa ocasião, já se empossara na Chefia da Casa Civil (ou Militar) de Jango o Gen. Assis Brasil, geralmente reputado comunista.

Depois de transmissão de fatos e opiniões através de Ademar Queiroz, este me avisou que H.C.B. concordava em ver-me pessoalmente.

Pus-me à disposição dele, que deveria indicar o lugar que lhe parecesse mais discreto. H.C.B. marcou na própria residência dele, à noite, devendo Ademar Queiroz apresentar-me. Sugeri a presença de Bilac, que foi aprovada por H.C.B.

Lá chegamos os 3, à r. Nascimento Silva, nº 394, uma casa de 2 pavimentos. Expusemos os nossos pontos de vistas, havendo pequenas divergências entre Bilac e eu, quando ao diagnóstico e prognóstico da situação. H.C.B. ouvia em silêncio e às vezes fazia uma ou outra pergunta. Concordava com a gravidade da situação e exprimia a confiança em que as Forças Armadas desempenhariam, conforme as circunstâncias exigissem o papel de garantia das instituições nacionais e dos 3 Poderes. Bilac referiu-

se à "Guerra revolucionária", trocando idéias com H.C.B. sobre os conceitos respectivos.

Os fatos sucederam-se. Bilac, dentro dos pontos de vista daquela conversa, foi à tribuna e à imprensa tratando da "Guerra revolucionária" montada por Jango com distribuição de armas a agitadores com a conivência das autoridades, além da distribuição de folhetos copiados de Che Guevara para os "comandos dos 11" de Brisola. Bilac, creio, serviu-se de estudos de oficiais do Estado Maior com os quais mantinha contacto. A êsse tempo, explodiu novo escândalo: a crise desfechada pelo Gen. Albino Silva contra comunistas em altos postos da Petrobrás.

Por outro lado, recrudesciam as lutas e tensões entre fazendeiros e invasores de terras encorajados pelo P.C. e pelo PTB. em vários pontos do país. Vi em Goiás que os fazendeiros adquiriam metralhadoras e estavam dispostos à luta, segundo me disseram.

Voltamos à casa de H.C.B., os tres, em meiado de fevereiro de 1964, sempre à noite. Nessa ocasião, H.C.B. estava menos cauteloso e mais confiante: discutiu o prognóstico da situação, parecendo apoiar o ponto de vista de Bilac, segundo o qual Jango marcharia mais e mais na técnica da Guerra revolucionária, enquanto eu admitia que ele utilizaria o PC. como instrumento, esmaga-lo-ia depois e firmaria o governo pessoal e ditatorial, procurando imitar Vargas. ^{Argüi} Aqui a riqueza e interêsse pesscais de Jango. Todavia H.C.B. admitiu que Jango também poderia mais tarde flectir para o golpe de Direita porque ^{id} quer apenas poder ilimitado e incontrolado. Contou-nos suas conversas com Jango, que,

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL

numa delas, lhe perguntou : " - Por que os Generais não conversam com os sargentos? " H.C.B. respondeu: "Porque os comandam e ninguém conversa com os generais." Explicat-nos que, assim, aludiu a que o Presidente da República não ouvia nunca o Alto Co_mando nem o Estado Maior das Fôrças Armadas.

Lembrei-me, então, do "Est. de S.Paulo", de 10.10.63, parecendo-me confirmada a notícia de sítio, acima citada.

A certa altura, H.C.B. conveio em que Jango era um cínico. Aconselhou-nos a que o Congresso perseverasse em sua resistên - cia, dentro dos métodos legislativos fechando Jango num círculo de ferro. Referiu que J.K., quando Presidente, enviou ao E.M.F. 2 hipóteses para estudo: a) Guerra com a Rússia; b) Guerra comu_nista interna.

Conversou-se sôbre 1960 e Ademar Queiroz contestou que Assis Brasil tivesse movido o Gen. Machado Lopes a enfrentar os minis_tros militares em 1961, após a renúncia de Jango:- isso foi obra de Pery Bevilaqua, que veio de Sta. Maria, aproveitando-se de ser [aquê]le general [público] nas horas de crise.

Como eu procurasse - extrair de H.C.B. uma definição já que se mostrara menos reservado do que na conversa anterior, declarou-nos:- "As Fôrças Armadas não apoiarão qualquer movimento en_dereçado a dar poder pessoal ou ditatorial a Jango, mas também não acolherão atentados às atribuições constitucionais dele, en_quanto constitucionais. Insisti nos fatos sucessivos, inclusive os recentes denunciados por Bilac. Argumentei com fatores psico_lógicos, como o defeito físico de Jango, seus problemas matrimo_no

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL

niais, seu provável desejo de afirmação viril, etc. Ele concordou em que Jango pretendia apoiar-se nos Sargentos, nos operários e nos comunistas para algum objetivo ainda não perfeitamente definido e concedeu que havia coincidência entre o conceito de guerra revolucionária dos comunistas e os atos de Jango. Admitiu que Jango e Brisola pretendiam movimentos separados um do outro. Não se mostrou convencido de que os E. Unidos pudessem ter qualquer gesto no momento, ou não deu grande importância a isso como fator decisivo.

Sai de lá com a impressão de que ele estava do nosso lado e que suas palavras valiam por uma promessa de ação, pois, afinal reconheceu que Jango agia como em guerra revolucionária e, portanto, fora das atribuições constitucionais. Por outro lado, Ademar Queiroz, ligado a ele, estava ^{já} convencido de que a situação se tornava ^{se} mais grave dia após dia.

Voltei ^{H.C.B.} só à casa dele, 2 dias depois, para entregar-lhe, como lhe prometera, um livro de Walt W. Rostov, professor de História Econômica no M.I.T. sobre a "Dinâmica da Sociedade Soviética", estudo objetivo da Rússia e seus homens. Era um Pocket Book barato e dele comprei outro exemplar para A. Queiroz, já que ambos se mostraram curiosos sobre esse livro, que comentei naquela 2ª noite. Não houve nada de importante nessa breve conversa, que girou mais sobre a Rússia e Rostov. Após depois, já ele presidente, jantamos ambos com Rostov, na casa de Roberto Campos, de quem o autor era amigo e que o convidou a visitar o Brasil e fazer conferência na Universidade de Brasília.

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL

O resto de fevereiro e a 1ª quinzena de março de 1964 foram pontilhados de novas provocações de Brisola e Jango, enquanto se exacerbam^{va} a luta de fazendeiros e invasores no Norte, Nordeste, Leste e Centro. Para testar Jango, fiz breve discurso em fins de janeiro em que afirmei ter Jango herdado pouco mais de 500 contos (1425 h., algum gado) e possuir em 1964 mais de 100.000 h., multiplicando a herança 1 x 2000. Não houve qualquer reação d'ele ou do P.T.B. Ora, tínhamos no cofre da UDN a documentação exaustiva por certidões, a fim de ser exibida se houvesse contestação. Deante disso, combinou-se que Antonio Carlos faria um discurso minuciando o conteúdo das certidões comprobatórias daquela multiplicação. Brisola agitava os "grupos de 11". Santiago Dantas, já bem doente aliás, dava à luz sucessivos planos de confiscos de terras, ao lado da volta do P.C. à legalidade. Por outro lado, surgiam reações significativas, pois J. Pinheiro^{Neto} foi escorraçado em Governador Valadares. Darcy Ribeiro declarou que Jango não conspirava respondendo Bilac que não se confunde conspiração com guerra revolucionária. Sugeriu que Jango ouvisse a respeito o Alto Comando. Anunciou-se que L.C.Prestes voltara da Rússia.

Nesse período (2ª quinzena de fev. 1964), "Correio da Manhã" noticiou que certo pronunciamento de Pedro Aleixo continha aluções transparentes a informações confidenciais fornecidas por H.C.B. Carlos Castelo Branco, no J.B., escreveu que Bilac passara à ofensiva e aproximava-se da cúpula militar. Logo depois, era noticiado que H.C.B. seria afastado do Estado maior. P.Alei

xo por sua vez desmentiu que H.C.B. fosse o informante da Oposição. Ainda a 27 fev., abordei o escândalo ^{da} Com. al. Wallace Simon sen, (denunciado por Levy) no café exportado. Dizia-se que Ney Galvão era comparte da fazenda do Jango na fronteira. Mais ou menos a 25 fev., o povo mineiro reagiu contra comício de Briso-la, sendo apreendidas 2 metralhadoras e várias pistólas 45 que o Alm. Candido Aragão dera a fuzileiros para servirem de capangas a êsse deputado.

Pensamos, então, em precipitar a solução mediante início do processo de impeachment de Jango. Redigi a petição fundamentada com vários fatos notórios e susceptíveis de prova e a submeti a P. Aleixo. Adauto conversou com Martins Rodrigues sôbre isso. Os jornais comentavam abertamente a iminência de um golpe, variando as versões. P. Aleixo, líder da Câmara, autorizara-me a fazer a petição de impeachment, mas ponderou que não devia ser assinada por udenista. O dep. Olavo Costa (PSD-MG) me procurou para oferecer-se como denunciante, mas P. Aleixo achou que deveria caber essa missão a um nome de apolítico ou apartidário, me recedor de respeito. Lembramo-nos de Sobral Pinto, que veio ao nosso encontro na Casa de Adauto, ^{então} doente, deitado, presente Alcino Salazar, Procurador Geral da GB. Isso aconteceu em 14 de março de 1964, salvo engano. Na véspera, Jango realizou o famoso comício da Central do Brasil e eu fui, nêsse dia, a S. Paulo, comentar na TV. os fatos e o discurso do Presidente da República, logo após o encerramento do meeting. Falei das 11 da noite até as 3 da madrugada seguinte, porque os telefonemas diretos me levaram a isso. Durante horas, estive presente e cala-

xo por sua vez desmentiu que H.C.B. fosse o informante da Oposição. Ainda a 27 fev., abordei o escândalo ^{da} / com al. Wallace Simon sen, (denunciado por Levy) no café exportado. Dizia-se que Ney Galvão era comparte da fazenda do Jango na fronteira. Mais ou menos a 25 fev., o povo mineiro reagiu contra comício de Briso-la, sendo apreendidas 2 metralhadoras e várias pistólas 45 que o Alm. Candido Aragão dera a fuzileiros para servirem de capangas a êsse deputado.

Pensamos, então, em precipitar a solução mediante início do processo de impeachment de Jango. Redigi a petição fundamentada com vários fatos notórios e susceptíveis de prova e a submeti a P. Aleixo. Adauto conversou com Martins Rodrigues sôbre isso. Os jornais comentavam abertamente a iminência de um golpe, variando as versões. P. Aleixo, líder da Câmara, autorizara-me a fazer a petição de impeachment, mas ponderou que não devia ser assinada por udenista. O dep. Olavo Costa (PSD-MG) me procurou para oferecer-se como denunciante, mas P. Aleixo achou que deveria caber essa missão a um nome de apolítico ou apartidário, me recedor de respeito. Lembramo-nos de Sobral Pinto, que veio ao nosso encontro na Casa de Adauto, ^{então} doente, deitado, presente Alcino Salazar, Procurador Geral da GB. Isso aconteceu em 14 de março de 1964, salvo engano. Na véspera, Jango realizou o famoso comício da Central do Brasil e eu fui, nêsse dia, a S. Paulo, comentar na TV. os fatos e o discurso do Presidente da República, logo após o encerramento do meeting. Falei das 11 da noite até as 3 da madrugada seguinte, porque os telefonemas diretos me levaram a isso. Durante horas, estive presente e calado o padre Balceiro de Jesus Silva, secretário da Educação de

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL

Ademar Barros. À saída os estudantes me acompanharam até o hotel, em grande agitação. O padre foi até lá e fez-me um sinal de que me queria falar a sós. Desvencilhei-me e o ouvi: "Dr. Ademar manda-lhe dizer que conta com o Gen. Kruel, com quem conversou francamente. Pede que o Sr. transmita isso confidencialmente a seus amigos militares de alto nível". Voei cedo para o Rio, estive com Sobral como acima expliquei e êste prometeu assinar a petição, pondo-a no estilo dêle, embora soubesse que daí viriam perseguições a um filho e genro, ambos diplomatas. Às 17 h., mediante prévia combinação telefônica, fui avistar-me com H.C.B., na casa de Ademar Queiroz, à rua Leopoldo Miguez. Submeti a ambos a petição do impeachment, mas H.C.B. considerou que ainda não era oportuna, por que poderia desencadear como reação a greve geral. Disse-me que Costa e Silva, em termos francos e rudes, advertira o Gen. Jair Ribeiro Dantas, Ministro da Guerra, ouvindo dêste a promessa de que Jango não faria novas imprudências. Conteí o recado de Ademar Barros e ambos me declararam que isso coincidia com as notícias que possuíam sôbre a atitude de Kruel. Pelas conversas anteriores a propósito do "Manifesto dos Coronéis", eu sabia que êles tinham restrições a Kruel.

Referi a ambos o que se passara lá em casa entre mim, Etchogoy e Bilac, em 1955, por ocasião do episódio Bisarria Mamedê, isto é a frase de Lampião: "Foi preciso almoçá-lo, antes que êle me quizesse jantar". Ou Jango seria liquidado logo, ou êle liquidaria as instituições, inclusive as Forças Armadas, do que êles tinham exemplo na insurreição dos sargentos, uso do Exército no comício da véspera, etc. Acrescentei que, no caso de afas-

tamento de Jango, - o que me parecia fatal - o substituto seria Mazzili; mas que Bilac e eu achavamos que, diante da inevitável conturbação daí decorrente, o sucessor a ser eleito pelo Congresso devia ser um militar decente com tais e tais qualidades. Voltei-me para H.C.B. e perguntei à queima roupa: "-Sabe quem me parece reunir todos esses requisitos e atributos?". Ele fez um gesto negativo com a cabeça, e eu disse: "- O Senhor, pelo que tenho ouvido, etc. "Mas não é para ficar". Ele me olhou e permaneceu em silêncio, fixando depois a ponta do tapete.

Permaneceu calado e depois se despediu, continuando eu a conversar com A. Queiroz. Antes, porém, H.C.B. me disse que a solução estava bem próxima.

Decorridos 8 dias, mais ou menos, era a Semana Santa e no curso dela ocorreu a revolta dos marinheiros e fuzileiros, arreganhos do Alm. Candido Aragão, etc. etc. Adauto, Padilha e eu nos reunimos em casa de Bilac, de onde telefonamos para Ademar Queiroz, cuja residência estava cheia de oficiais. Os fatos precipitavam-se com os vários episódios nos quais Jango se mostrou inepto como sempre. No domingo, penso que 29 de março, Herbert Levy excitadíssimo, telefonou-me em inglês, de S. Paulo, comunicando que lá embaixo estava 100%, pretendendo Ademar e Kruehl pôr a procissão na rua àquela noite. Voltou a telefonar, perguntando se os tanques já estavam na rua, no Rio. Resolvi telefonar a Ademar Queiroz, contando-lhe os telefonemas de Herbert. Ele me respondeu que telefonou ^{S. Paulo} para S. Paulo e dissesse que tudo só deveria começar daí a 72 horas. Não se precipitassem.

A 30 de março, seguimos cedo para Brasília e os deputados no avião já não tomavam precauções acêrca do que falavam com clare

za. Antônio Carlos fez o discurso sôbre os bens de Jango e o PTB. não reagiu durante a tarde. À noite, trovejou ameaças com Almiro Afonso. Jango, estúpidamente, compareceu à homenagem do Automóvel Club - O mais todo mundo sabe. Eleito H.C.B., escrevi um bilhete a Ademar Queiroz sôbre o assunto, embora decepcionado com a escolha de J.M. Alkmim. Quando cheguei ao Rio, Ademar Queiroz me telefonou, referindo-se ao bilhete e participando-me que H.C.B. estava a seu lado e queria dar-me uma palavra. Ele me disse: " Dr. Baleeiro, não me esqueço de que o Senhor foi a primeira pessoa que se lembrou de mim para Presidente da República. Mas também não me esqueço de que o Sr. me disse que "não era para ficar". Afir - mo-lhe que não ficarei. "

No começo de 1965, se me não engano, H.C.B. me telefonou no Rio e disse rapidamente que seus colegas de turma costumavam reunir-se todos os anos naquela data e que êle fizera um pequeno speech, tendo pensado em mim. Eu o ouvi quando foi irradiado. À noite, escutei o discurso de reafirmação de que não ficaria no cargo quando se esgotasse o prazo fixado pelo Congresso.

Não fui cumprimentá-lo no Planalto no dia da posse: Avistei - me com êle dias depois, quando um grupo de deputados, sob a presi - dência de Raul Pila, foi discutir algum assunto, talvez a Emenda Parlamentarista. Eugênio Gomes ia me apresentando, mas êle interrompeu:- "Eu e o Dr. Baleeiro já nos conhecemos há muito tempo. Com, a seguir, conversasse sôbre parlamentarismo, perguntou-me, rindo: "- Isso já é oposição a mim ? "

x x x

Há 2 papéis que convinha você procurar no seu arquivo: a) uma

Cau de M.G. 7

nota em papel de bloco timbrado da EMFA, em que H.C.B., numa letra apressada, fixou 3 ou 4 pontos básicos para o discurso de posse (se me recordo, simpatia e amparo para os brasileiros pobres do Nordeste e sertões; assumia êle, no ato, o Comando Revolucionário; um desejo de concórdia após a tempestade, cumprimento do compromisso constitucional inclusive o A.I. nº 1. Esse papel, eu lhe devolvi com o texto às vésperas da posse). b) carta que H.C.B. escreveu ao Comte. Paulo Viana Castelo Branco entre a eleição e a posse, em tom íntimo e pessoal (provavelmente Paulo lhe deu uma xerocópia como fez comigo); H.C.B. suprimiu no discurso a alusão ao A.I. nº 1, que estava ordenada no papel de bloco.

Creio que a 1ª vez em que conversamos longamente, depois da posse, foi quando êle me enviou, pelo Rondon, cópia de um projeto de Roberto Campos e Bulhões sôbre impôsto de consumo, perguntando minha opinião. Escrevi poucas palavras e devolvi o texto ao Rondon. Êste, no dia imediato, disse que êle me queria falar no Planalto. Conversamos matéria estritamente pública. Êle me indicou uma poltrona e sentou-se numa cadeira comum, incômoda, a meu lado, parecendo que nela se sentia mais confortável, por qualquer coisa de coluna vertebral.

Outras conversas tivemos sôbre assuntos públicos lá ou na Alvorada. Nêste, convocado para almoço, o que fazia no andar superior numa pequena mesa redonda: salada, um prato simples, salada de frutas, agua comum, à espartana. Recebia-me sempre só. Conversamos sôbre generalidades quando nos encontrávamos em jantares ou recepções de amigos comuns. Gostava de ironias. Era sempre pontualíssimo e extremamente cortês com tôdas as pessoas convidadas, cumprimentando

mentando-as com apêrto de mão à chegada e à saída. A princípio de preto. Depois tom escuro, grafite, mate (sem brilho). Cópia pouco. Nunca o vi beber whisky onde êste era servido. Mas bebia moderadamente vinho e parecia gostar de champagne.

A meu ver, não se tendo envolvido em política antes da Revolução, transformou-se rapidamente num político e infatigável. Dentro de poucos meses, fez contacto pessoal e direto com grande número de senadores e deputados. Até outubro de 1965, realizou profundas reformas da estrutura nacional por meio de Emendas Constitucionais votadas pelo quorum de 2/3, quando o Congresso ainda estava com a precíavel número de homens do PTB, ou do PSD, mais ou menos comprometidos com J. G. e outros. Convocada ao Palácio os parlamentares e telefonava-lhes, cabalando-lhes votos para as reformas, projeto ou para eleições, como a de Bilac para a presidência da Câmara.

Lembro-me de que, por ocasião da reabertura do Congresso em 15.3.65, ofereceu um cocktail aos congressistas, conversou com todos e logrou a presença de homens que lhe eram hostis ou tidos como tais.

É expressiva a atitude dêle com o Min. Ribeiro da Costa, que embora houvesse prestigiado o Congresso na deposição de Jango, assistindo-a e permanecendo com Mazzili no Planalto até 3 h. da madrugada, depois fez várias grosserias e provocações ao Governo (incidente com Costa e Silva, devolução de condecorações e convites, etc.). Embora H.C.B., em conversa comigo, não lhe poupasse alguns sarcasmos velados, nunca se deu por achado e, quando se encontravam em cerimônias públicas, antecipava-se em cumprimenta-lo polidamente, como eu assisti algumas vezes. Quando, afinal, Ribeiro da

Costa se aposentou (fim 1967), H.C.B. ofereceu a êle e a Gallotti um jantar.

Nunca se mostrou aborrecido comigo quando manifestei opinião contrária aos Ministros Campos e Bulhões em assunto em que me ~~acusei~~ ^{consultou}. Numa das vezes, Bulhões no dia imediato foi lá ao meu apartamento em Brasília, subindo 5 escadas porque o elevador estava enguiçado e deu-me várias explicações, o que atribuo ao dedo de H.C.B. Por ocasião da Emenda n. 18 (reforma do Sistema tributário) Campos e Bulhões discutiram comigo no M.P., durante a manhã tôda, porque eu fizera algumas restrições na conversa com H.C.B.

É necessário pesquisar o projeto de emenda constit. que HCB. encomendou a Milton Campos, sôbre maioria absoluta, eleição indireta pelo Congresso, etc., na 1ª quinzena de junho de 1964. Na quinzena imediata, a bancada da UDN. estava descontente e como a reunião foi assistida por jornalistas, estes divulgaram rompimento virtual entre o Partido e H.C.B. Interpelado no Ceará, onde se achava, H.C.B. mostrou-se surpreendido porque reputava a UDN. o sustentáculo da Revolução. Parece que Bilac neutralizou as intrigas e provocou essas declarações do Ceará.

Em fim de julho ou nos dois primeiros dias de agosto de 1964, Carlos Lacerda fez publicar uma carta dirigida ao deputado estadual Nina Ribeiro em que já agride H.C.B. Teria "michado", ou murchado, teria traído o Carlos, etc. Nina leu o papel na Assembléia e Carlos, no dia imediato, reiterou tudo isso noutra carta a Helio Fernandes. Como as sobras atingissem o Bahia, do "Jornal do Brasil", houve reação dêste. Ambos atingiram H.C.B., que não passou recibo, declarando apenas que voltaria a falar com Carlos " se

isso fosse necessário ou de interesse público". Três dias depois, Carlos declarou que não havia rompido com H.C.B. Na 1ª semana de agosto de 1964, a UDN, incorporada, foi a H.C.B. e prestou-lhe so lidariade pela boca do Bilac. Respondeu Castelo que sem ter sido homem de partido, sempre votara, nas eleições de todos os graus nos candidatos da UDN., partido que fizera a Revolução com o próprio Bilac à frente. E citou a "guerra revolucionária", que sensibilizara as Forças Armadas. Queria o apoio da UDN. por todos os modos, inclusive mesmo por críticas acerbas. "Um partido de homens livres não dá apoio incondicional, mas sugere, estimula, diverge e critica". (palavras dele).

No fim de agosto 1964, C.L. pediu a H.C.B. para obter de Milton Campos pressão sobre o S. T.F. no sentido da aplicação do AI-1 à GB. Em princípio de nov. 1964, a Convenção da UDN. em Curitiba fez de Carlos candidato à presidência e, pelo menos para mim, foi transparente o desagrado de H.C.B., talvez por se ter precipitado o processo da sucessão.

Ainda em agosto, irrompeu a crise do Mauro Borges, intervenção em Goiás, etc. H.C.B. telefonou pessoalmente em vários deputados para aprovação do decreto pela Câmara.

Em nov. 1964, Carlos entrou na loucura aguda, invocando o A.I. n. 1, para praticar atos da competência da Assembléia, como majuração de impostos, etc., provocando representação de Carlos Meideiros ao Proc. Ger. Rep. e deste ao S.T.F. C.L. levantou a suspeição de 5 ministros do S.T.F. e declarou que não cumpriria qualquer decisão do S.T.F. no caso. Parece que êle andou captando mili

tares em favor dêle, mas, ao mesmo tempo, insultou R. Campos e Bulhões a propósito da Hana, pedindo a demissão dêles. H.C.B. escreveu-lhe uma carta peremptória, assumindo responsabilidade pelos Ministros. Certo é que Carlos se quedou, embora já houvesse anunciado outra agressão a Roberto Campos. Dizia-se que Carlos, a essa altura, procurava Costa e Silva e pretendia atirá-lo contra H.C.B., capitalizando as frustrações dos oficiais que queriam linha dura e desejavam pôr para fora os Ministros do S.T.F. do tempo de J.K. e Jango. Atribuía-se a Silvio Heck e O. Denys a frase de que H.C.B. era um "Ruy fardado".

Apontava-se também a manobra de Carlos para aproximar-se dos amigos de Jango e J.E. Na UDN., ficou como verdade certa que êle recuou de tudo isso, porque Júlio Mesquita Filho veio de S. Paulo e fez-lhe um ultimatum para que cessasse a luta insidiosa com H.C.B. e até se retratasse. De fato, saiu uma carta de Carlos, publicada nos jornais de 6.12.64, com aparente recuo.

Peron foi devolvido à Espanha, por êsse tempo, e os peronistas, em B. Aires, queimaram a bandeira brasileira e o retrato de H.C.B. Em dez., Costa e Silva reiterou por vezes solidariedade a H.C.B. e repulsa a Carlos, que "não vai romper, mas já rompeu com a revolução antes e depois da carta ao Presidente da República". Ler crônica de Murilo Melo Fº, na Manchete, 1ª semana de dez., mais ou menos (Alude a apoio da Divisão Blindada e da Base de S.Cruz a Lacerda antes da carta de Júlio Mesquita). Ao mesmo tempo, incidentes da Marinha e da Aeronáutica por causa da aviação embarcada, suggindo a demissão do Ministro, o Brig. Lavenere. Rafael Magalhães apesar de C.L. (não creio que por astúcia deste) tinha contactos com H.C.B.

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL

Ainda em Dez. 1964, começa a crise do R.G.Sul (exonerações de homens do PL. etc.) e recrudescem boatos sobre maquinações de S. Heck contra H.C.B. com Carlos no meio.

Em jan. 1965, exacerbou-se a crise do porta-aviões, para bordo do qual teriam voado aviões da Marinha contra ordem de HCB. Nova demissão do Min. da Aeronáutica. O Brig. Adil Faria declinou do convite para Ministro. Eduardo Gomes aceitou o Ministério, apesar de recentemente operado. Muita gente na posse dele, inclusive Ademar Queiroz. H.C.B. mandou que os helicópteros ficassem com a Marinha e os aviões com a Aeronáutica. Exonerou-se do Minist. por isso, o Alm. Batista com mais 5 outros. Em janeiro de 1965, houve fervura para não se realizarem eleições. Krieger publicamente defendeu a reelegibilidade dos Presidentes como nos E.U. H.C.B. repeliu ^{isso?} no discurso a que já me referi e a propósito do qual me tele/fonou.

Logo depois, luta pela presidência da Câmara, Bilac vencendo Mazilli com ação firme de H.C.B., a quem Adauto telefonou, pedindo-me que testemunhasse êle afirmar que Bilac aceitaria apesar do que fôra noticiado pelos jornais. Adauto queria que eu ouvisse êle dizer a H.C.B. que, convidado por êle para candidato, insistia em Bilac. Adauto queria ser Presidente da Câmara mas como soube que Cordeiro Faria e Mendes Moraes pressionavam H.C.B. em favor de nome passadista, optou por Bilac a fim de ter maior desembaraço na luta. Você ^(Luís Lima) me contou em princípio de março de 1965, que Adauto queria mesmo a presidência da Câmara e botou a Sandra no encalço do Suplicy, que se recusou ^a em falar a H.C.B., porque êste já se fixara no Bilac.

No dia imediato, Adauto jantou comigo e H.C.B. telefonou lá para cá, chamando-o. Comentaram a vitória e eu mandei um recado: "ganha uma batalha, é preciso ganhar a guerra para sempre".

Carlos enfureceu-se com a eleição de Bilac para a presidência da Câmara e queria extorquir-lhe um apoio expresso à candidatura dele à Presidência da República. Ameaçou-o de publicar um manifesto contrário.

Alguem sugeriu um congelamento de salários superiores a 800.000 Cr\$, o que causou inquietações.

Note-se que em 31.3.65, H.C.B. compareceu ao Congresso e lá discursou.

x x x

Em abril de 1965, cuidou-se de eleger o Presidente da UDN. e Antônio Carlos, já antes, indicara meu nome que, a princípio, teve inúmeros apoios. Carlos falou comigo, dizendo que reconhecia meus títulos, etc; que Ernani Sátiro era uma besta do ponto de vista intelectual; mas que o apoiaria, porque eu me desligara da política carioca e pensava apenas na política nacional, Nada objetei. Acontece que Ernani Sátiro me irritou, exciando-me de representar a UDN. na Comissão sobre a Emenda Parlamentarista, notório meu interêsse por êla. Enfrentei a parada, embora para perder. Os senadores udenistas ficaram logo com Sátiro que confabulou com Magalhães Pinto pelo telefônio. Vários udenistas queriam saber como HCB. pensava sobre o caso. Ele ^{hes} declarou ~~que~~ que não se envolveria e a Sátiro disse que nada ti

nha a objeter. Sátiro divulgou isso, seguiu no mesmo avião meu para o Rio e saltou em B. Horizonte ^{a fim de} ~~para~~ conversar com Magalhães Pinto.

No dia em que conversei com Sátiro, H.C.B. me telefonou convidando-me para jantar. Era 8 de abril e não aceitei o convite, explicando-lhes que deveria voar para o Rio à tarde, por que no dia imediato 9, era aniversário de casamento e já havia telefonado para Darly de que passaria o tempo com ela. H.C.B. disse então, que me chamaria logo que eu regressasse. A semana seguinte era a Santa. Na 4a. de Trevas, você me transmitiu convite dele para acompanhar Vasco Leitão na viagem oficial a Buenos Aires. Vacilei, mas afinal aceitei e Vasco no dia imediato fez o convite oficial pelo telefônio.

No dia 27 (abril), cheguei a Brasília e encontrei no aeroporto um automóvel com um funcionário do Planalto, enviado por Você ^(Christiano) para levar-me ao Alvorada onde H.C.B. me aguardaria ^{va} para almoçar, como doutras vezes, almoçamos numa pequena mesa redonda ^{no andar de cima}. Perguntou-me se havia gostado da viagem à Argentina e conversamos sobre a política desse país, a impressão chôcha que me dera Ilia. Depois, em tom irônico, indagou-me do meu parlamentarismo. Discutimos longamente e êle se mostrou interessado, salientando: a) a instabilidade ministerial da França; b) o problema dos Estados membros; c) o modus faciendi de aprovação da emenda e inserção dela de modo a não quebrar o conjunto das disposições constitucionais remanescentes. Apesar de êle ter assistido, quando residente na França, as crises de 1934, não senti viva resistência ao parlamentarismo, que talvez, considerasse como uma hipótese aceitável em melhores circunstâncias. Veio à tona o Carlos e admitiu algumas qualidades positivas, mas chegamos à conclusão ambos, de que seria perigo nacional e até internacional tê-lo como presidente do Brasil. Discorreu

sobre História, falando sobre Caxias, Calabar, Napoleão em Ercole, Ato Adicional de 1834, Marquez do Paraná, Príncipe Alberto e Rainha Vitória, comentando êle o valor de Helio Viana. Não sei porque êle trouxe à conversa Anatole France, cuja antipatia aos militares lamentou. Eu ponderei que era maior a antipatia anatoliana aos Juizes. Disse-me que esperava naquele dia a visita de Ribeiro da Costa a respeito do caso Arrais. Notou a humildade do Presidente do STF., que pedira audiência à Casa Militar, quando, antes, telefonou diretamente a êle, H.C.B. (Caso do "advertir" no ofício ao General que prendia o Arrais).

Evidentemente eu compreendi que êle me quis manifestar a preço pessoal, apesar de ter sido forçado a engulir Sático na presidência da UDN. Pensei comigo mesmo que êle esperava que eu tocasse no assunto e me queixasse. Não o fiz e como êle prolongasse muito a conversa após o almoço, eu lhe disse que naturalmente era hora de êle voltar ao Planalto e eu esperava a penas que me mandasse embora, porque lhe cabia a iniciativa. Respondeu-me que ia permanecer para aguardar Ribeiro da Costa e tentou abordar o caso da presidência da UDN. Na primeira pausa, expliquei que eu não tinha ambição nem interêsse; iria disputar para perder como contestação ao que significava o outro candidato nas circunstâncias, (Carlos) que, para mim, podia repetir que era uma batalha perdida, mas com esperança de ganhar a guerra; que não se preocupasse, porque eu estava de cabeça fria. Sorriu aprovativamente e despedimo-nos, levando-me êle até a porta em baixo.

Os jornalistas estavam sequiosos pela conversa. Contei -
lhe que conversamos apenas sobre História e Anatole.

Em julho 1964, recrudesceram os ataques de Hélio Fernandes, na "Trib. da Impr.", controlada pelo Carlos, contra H.C.B.

a quem chamava de "Humberto Amaral Peixoto", "Maquiavel", etc. A 12.7.64, Magalhães Pinto me telefonou para dizer que se entendera, também telefonicamente com Bilac, e que só eu poderia salvar a prorrogação dos Governadores e a maioria absoluta, requerendo como líder do Bloco UND-PL para destaque da Emenda Agripinô-Arinos-Krieger, já que só poderia ser feito por Bloco de 25% dos Deputados. Respondi que só o faria se autorizado expressa e diretamente por Bilac e Dr. Pila, já que Magalhães me informava que Sátiro, solidário com Carlos, não o faria. O ^{Col.} ~~Sen.~~ F. Cerqueira Lima me telefonou, acamado, sondando-me sobre um telegrama de Carlos e sobre as chances da prorrogação (dos Governadores e de H.C.B.) (O telegrama de Carlos foi enviado ao Bilac, com grande apetite pela Presidência e indiretas contra nós. Foi expedido de S. Paulo). Votaram-se as Emendas Constitucionais¹⁵ propostas por H.C.B. (voto analfabeto, sujeição de juizes a impôsto de renda, etc.) com as emendas até às 6 h. da manhã de um dia da 3a. quinzena de julho antes de 18. Foi prorrogado o período de H.C.B. pelo voto decisivo de Luiz Bronzeado, que os deputados levaram aos empurrões (205 votos). Aleixo e Sátiro, salvo engano de memória, votaram contra, mas articularam a favor. Dóttel mandou que alguns PTB. votassem a favor.

Bilac respondeu ao telegrama de Carlos, dizendo que não adiantava terrorismo, nem a UDN. queria líderes carismáticos. Ele, ^{C.L.?} em B. Horizonte, discursou que fora traído, não se interessava pela maioria absoluta, era candidato e xingou a valer, sobretudo a UDN. Afirmou que atacaria a cúpula, porque contava com as bases. Flores Soares, Abreu Sodré e outros fizeram côro com êle, mas o "Estado de S. Paulo" deixou-o falando sozinho. Contam que, em conversa com Cordeiro de Faria, que o aconselhou a adiar as pretensões, êle recalcitou, e o outro perguntou: "E se V. perder?" Resp.: "Nesse caso, Vocês não dêem posse

ao vencedor." Aliás, Cordeiro danou-se com êle porque, no tã discurso de B. Horizonte, teria admitido que falava também por J.K., Jango e Jânio, silenciados com o PTB, na Câmara. Aliás, na Câmara, o PTB. chamou-o de "cínico" por isso:

Nessa ocasião, Pila e eu renovamos a Emenda Parlamentarista e ~~o PSD e o PTB~~ ^{E. Amaral Paixoto} me procurou e pediu-me uma cópia dela, admitindo que era possível o PSD. marchar para essa solução. A emenda chegou a receber assinatura de 2/3 dos Deputados.

As Emendas de prorrogação, coincidência de mandatos, maioria absoluta etc. foram votadas em 2a. Turma no começo da última semana de julho; C.L. amansou, mas escreveu cartas impertinentes a Bilac. Mas os "fans" dêle cuspiam fôgo.

Por essa época, houve almôço oferecido em Brasília, pelos amigos a Cordeiro de Faria, sussurando-se que seria o candidato a sucessor com apoio do PSD. Ney Braga andou agenciando a fundação dum Partido Revolucionário.

Coroneia da Linha Dura, como Rui Castro, estavam traumatizados, querendo mais rigor nas sanções. Assim me falou ^{esse} em último (nov. e dez. 1964). Meses depois, Rui Castro mostrava a mesma inquietação e queixava-se de que Golbery levantava um muro em torno de H.C.B. Em maio 1965, êle pediu para falar-me a sós em minha casa e lá disse que havia 3 conspirações paralelas, etc. etc. Êle me dizia que a Revolução era obra de ^{esse} maíores para baixo e não de Generais. Costa e Silva, segundo êle estava dominado por 2 coroneis burros: Teotônio e J. ^{Portela}. Ele, Rui, furava o Cêrco de H.C.B. por meio do Cel. Morais Rêgo, da Casa Militar. Furioso com o P.T.F. Desconfiei que Carlos estivesse nisso, até porque Rui metia o pau em quase todo mundo e não falava contra o Governador da Gb. Disse-me que H.C.B. enviara o próprio genro para conversar com Jânio em

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL

abril de 1965.

(Sem Vici)
 Conteí a Você essas conversas de Rui (o mais exaltado) e outras, sem mencionar os nomes. Você mostrou desejo de conversar com Rui. Combinaram-se para 10.5.65, com a presença de Moraes Rego. Conversaram ?

Soube em maio 1965 que o alm. Murilo Ferreira, da Casa Civil, escreveu a H.C.B. contra Roberto Campos, fazendo-lhe acusações e envolvendo ~~em~~ Quinzan, pessoa de Geisel, - dizia-se. Parece que Geisel cismava do Bulhões e punha o Quinzan no rastro dêste.

Algumas pessoas, inclusive Auro M. Andrade, dizem ter ouvido H.C.B. admitir que, conforme as circunstâncias, o parlamentarismo poderia ser a solução nacional (meiado junho 1965). Eu o abordei meia dúzia de vezes e buzei nos ouvidos de Galbery, mas nunca lhe ouvi uma aceitação clara, nem também uma resposta firme :- fazia perguntas, levantava hipóteses, discutia os vários aspectos. Ainda em junho de 1965, Magalhães Pinto hostilizou H.C.B., certamente porque queria "ficar" em Minas. Nesse tempo, C.L. conversou com H.C.B. e saiu de lá irritadíssimo. Aliás, também houve ~~confi~~quismo pró-HCB com Costa Cavalcanti, e os próprios adversários o encorajavam porque o Presidente contivera o "dedo duro" e até prendera um Cel. Osnelli Martinelli. Mas um Cel. Pina queria pedir a prisão de Oliveira Brito por causa de certo IPM.

Na 14. Semana de julho 1965, Carlos voltou a agredir H.C.B. Ministros, Você ^(L.V.), Negrão e outros: Você teria comprado dólares as vésperas da Revolução, para fugir. Você respondeu que no dia 29.3.64 esteve no Palácio Guanabara, vendo-o muito nervoso, parecendo querer fugir, como fugira antes. Tenho certeza de que, pelo menos no dia 31.3.64, Você ^{estava em} ~~fez~~ para Brasília e lá ficou. Em julho 1965, conversei por vezes, com H.C.B. sobre a emenda,

que veio a ser a 18a. Predominou na conversa, a matéria financeira, mas êle, por iniciativa própria, comentou ácidamente as atitudes de Carlos e Magalhães Pinto, mostrando-se mais severo para com êste. Explicando-me êle sua política, nessa ocasião, eu ponderei que êle estava fazendo a política do Congresso e não a política clássica dos Governadores, o que desgostava a estes. Concordou. Voltei à carga sobre a Emenda Parlamentarista, comunicando-lhe que Pila e eu iríamos acelerar a marcha do Projeto que fôra fortemente apoiado. Aconselhou-me a sobrestar a tramitação mais um pouco: "- Ainda não. Mais adiante será melhor". Pelo menos nessa ocasião, interpretei como um acolhimento ou uma hesitação favorável.

Antônio Carlos, para mostrar o desgosto de H.C.B. com Carlos, disse-me ter ouvido dêle que no casamento de Marisa (25.7.1965), ofereceu ao 2º passar à frente e Carlos correspondeu com o mesmo gesto. Ele passou à frente e não olhou mais para traz, embora Carlos falasse alto, sem parar. Quiz ficar um pouco na sacristia para um "papo" com Bilac, Adauto e outros, mas não o fez porque Carlos também permaneceu lá.

Em 20.7.65, Você me convocou para casa de Adauto, no Rio, porque queria conversar assuntos graves. Lá, na presença de Rondon, Você disse que estava apreensivo com os arreganhos da Linha Dura, que temia a volta do passado nas próximas eleições, caso em que, no mínimo, seriam reformados. Discutiu-se a inabilidade política de alguns Ministros, como o do Trabalho, o caso do IA^{VI}, a manutenção de vários pelegos, etc.

Aventou-se o parlamentarismo numa forma enfemística, isto é, com outro nome. No dia imediato, Rondon almoçou comigo e apareceram os Coroneis Cerqueira e Negreiros, que aceitavam o Parlamentarismo com outro nome. Adauto pensou em induzir Cordeiro Faria a pronunciar-se pelo parlamentarismo ^{numa} na conferência na Escola Superior de Guerra.

(L.V.)
Fiz dois textos, um bem conciso e mandei a Você, como combináramos. Levei cópia a Adauto, então doente, e lá encontrei Arinos, que não estava a par das demarches com Cordeiro. Arinos também achava que havia o perigo da linha dura e disse que Cordeiro topara a conferência na E.S.G. Disse-me que H.C.B. chamara a êle, Afonso, e o ouvira.

Correu depois que o P.T.B. escolheria Lott para candidato. Houve encontro secreto de Cordeiro, Você e outros no Senado.

A 2.8.65, o cel. Rui Castro esteve lá em casa até alta madrugada, conversando sôbre o parlamentarismo. Aceitava em tese, mas êle e seus colegas ainda o achavam inoportuno. Entendiam que a U.D.N. se devia harmonizar para vitória na GB. e M.G. Desconfiei de intromissão de Carlos e Magalhães Pinto. Maquinações de Carlos para abrir o abismo entre os udenistas e H.C.B. (2 primeiras semanas de agosto-1965), trazendo apreensões a Bilac. Conversando tudo comigo, V. concordou em que se precisava dum Ministro da Justiça, para as necessidades urgentes do momento.

No fim de agosto, via Salvador Dinis, soube que os Generais deram o contra ao parlamentarismo, o que representou um balde de gelo no projeto. O. T.S.E. enterrou a candidatura de Lott, mas vacilou quanto a Sebastião Pais Almeida. Carlos, sonhando com competidores débeis, defendia Lott e Zarur. Magalhães então amansou e procurou reaproximar-se de H.C.B. por meio de Arinos. Em 26 agosto, "Globo" noticiava os dois textos que dei a Você e que H.C.B. levava consigo para ler em viagem ao R.G.Sul. Parece que Gélbery gostara do texto mais conciso, segundo Você me disse. Dr. Pila aborreceu-se : "ou integral ou nenhum parlamentarismo". Escreveu, nesse sentido, carta a H.C.B. Mostrou-ma. Nessa ocasião, um amigo de Carlos e de confiança dêle, veio conversar comigo, discutindo as virtudes do Carlos para Premier Parlamentarista ...

Gálbery almoçou comigo num dos 3 primeiros dias de set.65, e, enquanto reafirmasse a resistência militar ao parlamentarismo, achou que era necessária uma obra de esclarecimento, para conquistas dos oficiais. Reiterou que, desta vez, os militares não tolerariam qualquer forma de restauração do passado.

Encontrei H.C.B. num jantar do Nilo ^{Coelho (PE)} no dia 1.9.65, ouvindo d'ele que mandara procurar-me sem me achar (estive no Rio) para discutir os meus 2 textos em substituição à Emenda Pila (os que lhe entregues). Enterrados Sup. Trib. Eleitoral, Lott e Tião. ^{Par. H. C. B.} Você me disse que H.C.B. queria prosseguir nas reformas, atacadas por Carlos. Noticiou-se que Juracy viria para coordenar as reformas e as eleições. Juracy chegou a 10.9.65. Lamant, rompeu nessa época, com o PTB. na Bahia. Cêrca dum ou dois meses antes, já se falava em Costa Silva para sucessor, dizendo-se que o PSD. o apoiaria ou o lançaria como candidato próprio.

Conversei longamente com Juracy e pareceu-me que não estava entusiástico com o Ministério da Justiça, pois pensava em sugerir nome dum amigo, etc. ...

Carlos falando em "virar a mesa", comprava programas e mais programas de TV. etc. Murmúrio de que um golpe, sem H.C.B. seria desfechado até 2.10.65.

Dizia-se à boca pequena, que Carlos estaria em ação com o Cel. Briggs, etc. e com assistência técnica de Georges Bidault ^{Coelho} que traria sua experiência na Organ. Exer. Secreto contra Dr. Gaulle. ^{em época}

No último dia de set., Carlos espalhou o boato de que sofrera um enfarte, suscitando diferentes interpretações. Nesse dia, H.C.B., pela TV. e Rádio, bradou : "Posse a quem ganhar, mas corruptos e subversivos não voltarão ao poder, nem farão uma Cuba

aqui."

No dia 4 de out., imediato às eleições, noticiou-se a derrota da Revolução em quase todos os Estados. Você foi lá em casa de manhã e disse-me que preparara o espírito de Geissl e Calbery, que iam almoçar com H.C.B. Voltou à bailla o meu texto resumido. Falou-se sobre reelaboração de H.C.B. Chegou J.K. ao Rio. Carlos, internado no ambulatório de Bangu, foi pessoalmente o autor do artigo do Tribuna, responsabilizando H.C.B. pelas derrotas. À noite desse dia, Você me avisou de que os militares estavam excitadíssimos e indóceis, querendo "qualquer solução", e que Bilac declarara que, chegada a ebulição naquele ponto, o remédio era reabrir-se o processo revolucionário. Às 5, noticiava que as luzes dos Ministérios Militares permaneceram acesas até amanhecer o dia.

F.B., oficial íntimo meu, telefonou-me dizendo que já estava sendo redigido o AI. n. 2 e que, ao amanhecer, H.C.B. se resignara a assiná-lo. Era evitar a guerra civil iminente, - concluiu. Você me telefonou para casa do Adauto a 5 ou 6, pedindo um certo texto da emenda. Alcino Salazar queria falar-lhe, antes de V. avistar-se com H.C.B., porque tinha comunicações sobre os Militares. Pânico em bancos, gente ²stocando alimentos.

Novo telefonema informativo de F.B., às 16 h. Ao anoitecer a "Voz do Brasil" anunciou laconicamente, conferência do Presidente e Ministros para medidas graves em benefício da segurança depois ... Você e Bilac teriam ido consultar Carlos Medeiros. O ^{Arco} trouxe Krieger e outros. Comentários de conspiração de Carlos ou Heck e etc.

A 7.10.65, dia bonito, azul, Costa Silva discursou na Vila Militar que "os velhos soldados eram tão revolucionários quanto os moços". E por aí foi: o problema era "conter os que são por demais revolucionários." Ver Correio da Manhã de 6, 7 e 8, sô -

bre Heck, Dario Magalhães, Afonso Albuquerque, Coronéis Pitaluga, Chaves e Caracas, etc.

No dia 7, Antonio Carlos me chamou, em seu nome, à casa de Adauto, onde estavam Milton, Aleixo, Krieger, Você e Bilac e o próprio A. Carlos. Milton exigira que se tornasse pública a exoneração pedida desde 2.9.65. Ele ^{não} queria referendar o futuro AI-2 e não maguar V. com o sigilo guardado a esse respeito. Às 22 h. Carlos divulgou na TV Tupi carta a Sátiro, retirando sua candidatura à presidência da Rep. Distilou veneno.

Nessa noite ou na de 8.10.65, exausto, atendi a Lacombe, da Tupi, e ele me mostrou a entrevista de Carlos: "H.C.B. traiu a Revolução"; "quem trai uma vez trai sempre", "General incompetente" "seu governo é uma porcaria" etc. "Só um líder em pé: JK" - Todos os jornais a publicaram. Carlos alegou a histórica da delegação à ONU em troca do adiamento da Convenção da UDN. etc. Ora, Bilac, antes, me contara que ele pedira isso e afastara-se porque H.C.B. ficou morno.

O cel. Jubé confirmou-me, em almoço, que os militares estavam exasperados com H.C.B. e que a lealdade de Costa Silva salvou Castelo na 1ª. semana de out. 1965 (conversa no dia 12). Nesse dia 12, quando embarcava para o Rio, o alto falante me chamou:- o cap. Mendes ~~Morais~~ me transmitia recado de H.C.B. para falar-lhe às 21 h. no Alvorada. Expliquei que não podia deixar de viajar naquela hora.

Juraci chegou a 17.10.65 e tomou posse. A 21, visitei Aleixo quando tomava o café da manhã e pedi informações seguras, no mar de boatos, para transmiti-los a Dr. Fila, que mas pedira como líder do Bloco UDN.PL. Ele puxou umas fls. de termofax, onde estavam datilografadas, com a nota de "Secreto" os projetos para o AI-2. Recebera-as, disse-me, do Coêdeiro Faria que atribuía a procedência a V. ^{cont} Rao. Mas que não ^{isso/}devesse a Fila os exatos tēr-

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL

mos, nem a autoria. Apenas o resumo.

Nã casd de Adauto, H.C.B., que lhe telefonara, chamou-me e disse que já me procurara e queria conversar comigo naquele dia. Discutimos as reformas projetadas sem que êle me dissesse o que iria fazer. Defendi a tese de lagartixa que abandona a cauda ao inimigo quando ameaçada, preferindo-me ao Ministério, que deveria ser predominantemente político. Tentei ~~me~~ perguntas, mas senti que êle se esquivava, parecendo-me que êe acanhava de não poder impor a disciplina militar. Mas, depois, disse que sentia agonia com a idéia de o derrubarem para pôr o General X, que se ria derrubado pelo Gen. Y, mas tarde abatido pelo Gen. Z. Eu acrescentei: "Ou pelo Sargento Batista" Perguntou-me à queima roupa: "- E se o Congresso não votar os projetos que lhe envie?" Respondi francamente que não subestimava as consequências. Pessoalmente os achava constitucionais e lhes daria meu voto. Não o faria a respeito de "podêres plenos", aliás não pedidos, embora não temesse, dêle o abuso ^{desse} ~~essa~~ delegação. Se tais podêres eram indispensáveis, além do estado de sítio, um chefe d'Estado deveria tomar a responsabilidade história de assumi-los, a seu risco, sem pedir ao Parlamento que não lh'os podia dar. Teria de optar pelo crime, de mal sucedido, ou ser julgado perante a História se bem sucedido no passo temerário. Concordou sem vacilar, dizendo que não fugiria a qualquer responsabilidade. Entendi que êle iria até o AI-2. Inquiriu-me sôbre a eleição indireta, que aceitei tranquilamente, mas pelas Câmaras recém-eleitas. Mas concedi que a eleição pelo novo Congresso se converteria em direta, isto é, os candidatos passariam a condicional as eleições dos Congressistas. Talvez no meio da legislatura, o que afastaria as pressões nas eleições populares. Disse-me que o sucessor dêle deveria sair de uma das 3 faixas: a) militares da ativa, não se podendo deixar de considerar desde logo Costa Sil

Bilac e depois o Krieger, com rasgados elogios ao 1º, embora este se assombrasse muito nas õrizes e admitisse que Kræger, sem os títulos vários de Bilac, talvez, tivesse mais capacidade de liderança; c) os anfíbios (expressão dêle), isto é, meio-civís e meio-militares, como Juracy, Cordeiro e Ney Braga. Louvou a discrição impecável de Bilac, que, ao contrário de outros, nunca deixa transpirar o que se conversa com êle. Admitiu que se podessem introduzir ingredientes parlamentaristas nas reformas, como, p. ex., a lei ordinária definiria as atribuições de Presidente e dos Ministros. Referia-se aos ~~meios~~ 2 textos de emergência para gradual adoção do parlamentarismo. A conversa se orientou para De Gaulle e as próximas eleições francesas assim como o regime de 1958. Referindo-me aos podêres de De Gaulle, êle citou logo, pelon² e com quase as palavras do texto, o art.16 da Constit. Francesa de 1958 (o art. que dá plenos podêres nos casos de emergência). A conversa durou 2 horas, porque êle me deteve depois do almoço, e foi cordal e cortês, mesmo quando divergi ou adotei uma posição crítica e atos do Governo. Disse-me que nas votações pelas quais se bateu vivamente, nunca um congressista lhe fez pedidos, condições ou imposições. Quanto aos candidatos à sucessão, disse que não devia haver recusa à outrance de qualquer, nem deles exigir a perfeição. Foi severo para com Carlos e Magalhães Pinto, sem usar porém de palavras fortes. Comentou os prazeres e traumatismos da Presidência. Pareceu-me que, apesar de resolvido, como acima escrevi, sofria o conflito entre a lealdade às forças armadas e ao Congresso (conversa de 15.10.65, salvo êrro). Quando lhe disse que talvez, na velhice extrema, eu escrevesse sôbre os fatos e homens de minha observação, êle perguntou: "Quer assustar a todos nós?" - Ribeiro Costa declarou que era tempo de militares voltarem aos quartéis sem se arvorarem a donos do regime. Costa Silva resp. que só o povo

Bilac e depois o Krieger, com rasgados elogios ao 1º, embora este se assombrasse muito nas õrizes e admitisse que Kræger, sem os títulos vários de Bilac, talvez tivesse mais capacidade de liderança; c) os anfíbios (expressão dêle), isto é, meio-civís e meio-militares, como Juracy, Cordeiro e Ney Braga. Louvou a discrição impecável de Bilac, que, ao contrário de outros, nunca deixa transpirar o que se conversa com êle. Admitiu que se podessem introduzir ingredientes parlamentaristas nas reformas, como, p. ex., a lei ordinária definiria as atribuições de Presidente e dos Ministros. Referia-se aos ~~meios~~ 2 textos de emergência para gradual adoção do parlamentarismo. A conversa se orientou para De Gaulle e as próximas eleições francesas assim como o regime de 1958. Referindo-me aos poderes de De Gaulle, êle citou logo pelon e com quase as palavras do texto, o art.16 da Constit. Francesa de 1958 (o art. que dá plenos poderes nos casos de emergência). A conversa durou 2 horas, porque êle me deteve depois do almoço, e foi cordal e cortês, mesmo quando divergi ou adotei uma posição crítica e atos do Governo. Disse-me que nas votações pelas quais se bateu vivamente, nunca um congressista lhe fez pedidos, condições ou imposições. Quanto aos candidatos à sucessão, disse que não devia haver recusa à outrança de qualquer, nem deles exigir a perfeição. Foi severo para com Carlos e Magalhães Pinto, sem usar porém de palavras fortes. Comentou os prazeres e traumatismos da Presidência. Pareceu-me que, apesar de resolvido, como acima escrevi, sofria o conflito entre a lealdade às formas armadas e ao Congresso (conversa de 15.10.65, salvo êrro). Quando lhe disse que talvez, na velhice extrema, eu escrevesse sôbre os fatos e homens de minha observação, êle perguntou: "Quer assustar a todos nós?" - Ribeiro Costa declarou que era tempo de militares voltarem aos quartéis sem se arvorarem a donos do regime. Costa Silva resp. que só o povo traça rumo aos militares, parece-me e leu uma carta leviana do

Ribeiro sôbre o AI-1.

Cel. Rui Castro esteve lá em casa até 2 da madrugada, fumando uns 20 cigarros. Muito nervoso, disse que H.C.B. poderia servir bem a qualquer Estado maior do mundo, por ser competente, mas que em política era irrecuperável. Nessa noite, convenci-me de que ^{de} tinha contactos e laços com Carlos. Juraci requisitou horário às TV e rádios a 24.10.65 e, por eles, fez apêlo ao Congresso para votar os projetos de H.C.B., ajuntando que o processo revolucionário continuaria, pois sabia os caminhos (mais ou menos isso). O Governo era e continuaria a ser democrático, ainda que nesse a ter necessidade de tomar "medidas aparentemente anti-democrático", Apelou também para o STF. a fim de que pudesse termo a incidentes com as Fôrças Armadas.

As entrelinhas eram por demais claras e preparavam o espírito público para o que viria.

Na última semana, faziam-se prognósticos sôbre as votações. Dizia-se que Gama e Silva estava no Alvorada e que Nehemias Gueiros era o artesão do AI-2. A votação foi à noite e Aleixo retirou vários udenistas, ficando vazio o Plenário. Saí com Adajute para dormir um pouco e voltar, encontrando à porta Kræger, que trouxe detalhes do novo AI-2. Encontrei-me com você no Esplanada dos Ministérios e soube que ^{se} ~~eu~~ estava caprichando, àquela hora, nos remates finais do AI-2. Voltei às 2 h. da madrugada e o plenário vazio. Saí às 4, convocada sessão para as 14 h. Às 9 h., no dia imediato, você me telefonou, avisando que o AI-2 seria assinado às 11 h. e que o ouvisse pelo rádio. E houve o resto à hora marcada. Paradoxalmente, encontrei a Câmara calma à tarde, como se nada grave e dramático houvesse ocorrido.

No dia 29, Juraci, Adauto e Você me comunicaram as escolhas para o STF. Você me transmitiu o chamado ao Laranjeiras para o Sábado, 30, Lá chegando, H.C.B. tomou-me pelo braço e levou-me

ao andar superior. Comentou a situação, carregou as tintas no Magalhães Pinto, que, com "Dr. Jânio", seria o maior inimigo do Congresso. Referiu-se a um papel, que escrevi para êle com o título de "Diagnóstico" e disse-me que concordava com êle em grande parte. O bom mesmo seria um "hiper-ministro" (Sic), que aliviasse o cargo do Presidente e servisse de bode expiatório. Mas tal ministro não devia ser necessariamente um parlamentar: - exemplar^{ificou} com o Juraci naquele momento. Elogiou Milton, mas não era o homem para as circunstâncias dramáticas que estávamos vivendo. Fez pausa e formulou o convite para o STF. Disse-me que não considerasse isso como retribuições de conselhos e ajuda recebida por êle, mas como serviço pedido à remodelação do STF, sem a estreiteza de vistas da "velharia" (Sic). Aludiu aos debordamentos de Ribeiro Costa, demora de julgamentos por mais de 10 anos, etc. etc. Estava bem informado sobre muitos pontos e mal n'alguns poucos. Fez perguntas sobre Adalício, indagando desde quando o conhecia, etc. Disse que era o único a respeito do qual não tinha impressão pessoal e direta.

Disse-lhe que era necessário restringir a competência do STF, como nos E.U. Voltamos a falar do De Gaulle e pareceu-me que, intimamente, estabelecia um paralelo. Conversamos sobre dificuldades de militares, inclusive na aquisição da casa própria. Saiu o nome de Calmon, cujo prenome êle não acertou. Você entrou e êle perguntou qual era. Você respondeu: João Augusto. Ele me lembrou que o Chief justice dos E.U. é nomeado à vida pelo Presidente da República e comentou-se o packing the Court de Roosevelt, em 1937. Ele conhecia o episódio.

Incidente de Boaventura Cavalcanti em carta irônica a H.C.B. em nome da linha dura. Foi preso. Não houve reação.

Crise com Ademar Barros na última semana de Dez. 1965 por causa da [?] arma entregue a Cordeiro.

Veranto man. a p. de dele, no sig. Batista (30-11-65). Muitos presos com arma. Sem chegar a ser entregue H. C. B.

No fim fev. 1966, H.C.B. discursou no 12-R.J., analisando os contactos de políticos com militares e grupos politizantes nos quartéis. É bom ler isso.

Meado maio-1966 - exonerações dos Gen. Justino e Krueel nos comandos respectivos. Eram tidos como candidatos à sucessão local.

x x x

Depois de entrar para o S.T.F. só encontrei com H.C.B. em reuniões sociais ou no cinema do Alvorada. Ele gostava de cinema e adorou o Dr. Jivago. Conversou comigo sobre a Revolução Russa de 1917. Num jantar que V. ofereceu a Bilac, antes da ida deste para Paris, fez perguntas sobre Carlos e disse que só o conheceu depois de eleito Presidente. "- Foi o único homem político que, em meu governo, me pediu dólares e ^{um} ~~meu~~ cargo de Ministro!" - disse sem rodeios. Os dólares foram pedidos para ^{desconcer} ~~discussar~~ na Europa com a esposa. Disse que Carlos ^o ~~agrediu~~ e mentiu. "- Mas é um homem muito inteligente, não é verdade?" - concluiu.

Na 1a. semana junho 1966, cassação de Ademar Barros.

No jantar de Cely, H.C.B. me perguntou pelo "seu Comandante" (Rib. da Costa) "Digo comandante, porque tem garbo e rasgos marciais". Conversou muito e contou o caso do "Dr. Ray", de Ademar.

Na 1a. semana de agosto 1966, encontrei-me com êle num jantar em casa de Asdrubal Ulisséia, onde estavam vários outros do nosso grupo. H.C.B. contou-nos que só viu Jânio 2 vezes e que êle lhe disse que não poderia governar sem ditadura. H.C.B. ponderou que se era êsse seu intento, desistisse, porque não o realizaria com Denys, Heck e ~~Mass~~, inadequados a qualquer gesto decisivo. Novos insultos de Carlos no meado de agosto:" presiden-

te mediócre, vaidoso e ignorante". Em 20.9.66, num jantar do Navarro no Ipê, H.C.B. estava muito bem humorado, gozando os ataques que escreviam contra êle, embora magtado com Dr. Pila e P.Brossard. No fim do jantar o bom humor e a prova (Maurois, Petaiá, Paul Reynauld, etc.) diminuíram porque Geisel recebeu telefonema sôbre provocações de estudantes em Goiânia, após as depredações do dia na Biblioteca T. Jeferson (D.F.)

Em 12.10.66, cassações dos deputados Doutel, Prieto, Tião, Abraão Moura, Chamas e H. Jaick. Adauto ficou arrasado, porque visitara H.C.B. e êste nada lhe comunicara, segundo se queixou a mim. Os cassados insistiam em usar da palavra na Câmara. Adauto atendeu-os. A 19.11.66, Adauto estava no meu apartamento, quando Oscar Correia chegou e disse que viu camionettes circulando em torno da Câmara suspeitamente com gente do DOPS. Adauto telefonou para Luciano Alves Souza, a fim de que avisasse os cassados para que não saíssem. Aiê Navarro Brito me chamou ao telefônio, apalpando-me sôbre o caso. Conversamos e às 11 h. H.C.B. me telefonou dizendo-me que a crise tinha um aspecto formal: Cassado era cassado e não mais deputado; e também pessoal, não queria magtar "o Dr. Adauto", a quem prezava embora tivesse ficado chocado por ter êle suportado que Doutel afirmasse na Câmara que êle, H.C.B., era "mentiroso" e "sem palavra" - Sabia que poderia levar Adauto à renúncia, mas a alternativa seria a renúncia dêle a do Presid. República.

Pedi-me que interviesse, transmitindo tudo a Adauto e o pacificasse. Trouxe Adauto para almoçar e conversei longamente, ficando êle de cumprir o AI-2 e o decreto de cassação.

O problema era saber se os deputados seriam presos. Na conversa, com H.C.B., nesse dia, saiu o nome de Sobral e H.C.B. disse: "É uma criatura diabólica que, com a Sandra, domina o

Adauto".

Nessa noite, foi fechada a Câmara como V. se lembra, por - que o Adauto considerou que, dentro dele, deputados eram deputados e não "cassados". Em junho, Ad. Queiroz no Min. Guerra, Em julho, C. Medeiros na Justiça (1966)

x x x

47 cassações no plano estadual em julho 1966. Rompimento entre os gaúchos (K. Brassard, etc.). Na 1a. ou 2a. semana de julho 1966, Carlos Castelo Branco escreveu em J.B. excelente pa rarelo entre H.C.B. e Costa Silva. Este, na última semana julho 1966, foi alvejado pela bomba no aeroporto de Recife, morrendo ~~em~~ guarda e o alm. Nelton Gomes Fernandes. Entrevista de Carlos na "Visão" com "apêlo às armas!"

Na 1a. semana 1967, H.C.B. me telefonou, pedindo opinião sobre cerceamento da competência do Supremo para diminuir-lhe o congestionamento. Ficamos de jantar para ~~se~~ ^u papo e eu lhe enviei 2 livros.

No dia 15.3.67, cumprimentei-o à chegada no Santos Dumont. Debaixo da chuva miúda, estava lá o velho E. Gudín. No dia 16, telefonei ~~tem~~ cedo perg. se já acordara e foi ele quem atendeu, dizendo que fosse logo. Encontrei-o só com a neta Cristina no ^{to} ap. r. Nasc. Silva 578, 2º, e conversamos por mais de 2 a 3 horas porque ele me reteve. Levei-lhe a "Histoire des Presidents de la Republique Française", de Danzette. Mostrou-se otimista, porque esperava que Costa Silva compreendesse que não se governa sem a política e, no caso, a Arena. Não poderia governar pelas consultas ao Gen. Jaime Portela, de cuja influência se mostrou a-preensivo.

Dois homens, - disse - foram responsáveis pela eleição de Costa Silva: - Juracy e Krieger. Foram decisivos. Ele, H.C.B. dis

se a Krieger que coordenasse os civis, incluindo-se também no rol. Mas K. tirou o corpo, dizendo que não desejava ser candidato nem via outra solução senão a dum militar em tais circunstâncias. Seria o prudente. Respondeu H.C.B. que não se impressionasse com a questão militar, porque se havia realmente um grupo das Forças Armadas pró-Costa, o grosso delas não era. Haveria tensão passageira mas sentia-se com autoridade para dissipá-la, e fazê-la prevalecer o pensamento dos líderes civis. Mas K. manteve-se obstinado, apoiado por Juraci, cuja entrevista tornou irremediável a situação, embora estivesse no rol dos candidáveis. Perguntei, se não fosse indiscreto, qual o candidato que êle preferiria.

"Um civil dentro dum grupo restrito. Em 1º lugar, Bilac, mas também Krieger e outros que mencionou, inclusive Juraci ("anfíbio)". "O peor político brasileiro não era Carlos, mas Magalhães Pinto". Conversamos sobre políticos franceses, comparando os do tempo da permanência dele em Paris com os posteriores à 2a. guerra. Elogiou muito Bilac, notável no conselho, mas emocionado no primeiro momento das crises. Às vezes, Bilac pedia adiamento, depois de exposto o caso, mas no dia imediato vinha claro, seguro e sempre desinteressado. Krieger era também bom conselheiro, cujo defeito era ir bem ao 6º and., mas hesitar em subir ao 12º. Talvez viesse a escrever sobre suas observações e para isso conservava um arquivo. Admitiu que Costa e Silva teria o desejo de deixar boa imagem na História, o que seria bom nas circunstâncias do momento. Insistiu em descer o elevador e levar-me até meu carro.

Convidei-o para jantar no dia 19 (daí a 2 dias) avisando-o de que viriam os Kelly, Você e Jujú, e 1 senhora.

Você assistiu a êsse jantar numa noite chuvosa em Sta. Clara. Demorou-se até 11 1/2 e estava bem humorado.

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL

Recordamos o início de nossas relações e disse-me que nos meados de março de 1964 não lhe parec^{ia} ~~esse~~ tão próximo o desfecho da Revolução, tendo êle e Queiroz me achado "senhador utópico" na "exaltação de paisano". Narrou, nessa noite, que C. Silva o procurara, certa vez, dizendo:—"Para V. ver, como sou leal e franco consigo, refiro o que se passou ontem: Mag. Pinto me propôs derruba-lo, assumindo eu a presidência."

Recordou-se que, quando jovem, foi procurado pelo Gen. Pantaleão Passão, que dizia fazê-lo em nome de O. Aranha, para um complot entre Vargas, de quem era ministro. Reportou-se amargamente à "D. Santa". Você falou, então, em suas notas sobre a exoneração de 3 ministros: o 1º por isso, o 2º por aquilo e o 3º "por burrice". Mas não foram mencionados os nomes. Ele não contestou. Conversou-se sobre o 10.11.1955 (Lott) e H.C.B. e atribuiu ao bluff de Carlos, que agitara oficiais jorens, pondo em inquietação os generais. Êle próprio procurou Juarez e Mamede, tendo êste dito que seu discurso era uma erestomatia de Caurobert.

Foi nessa noite a última vez que conversei com êle, porque viajou [✓] para Europa.

X X X